

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



QUARTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.697

Sabado, 7 de Junho de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaya, 11 e 113

Inaugura-se amanhã em Tomar o IV congresso da Construção Civil

UMA RAÇA DE BANDOLEIROS

Cantar as virtudes da Raça, é aplaudir as especulações da Finança, elogiar os assaltos da Moagem, exaltar os roubos do Larazeto, abraçar o Lúcio de Azevedo, da Casa da Moeda, erguer hinos às expoliações do Comércio!

A Raça é um povo tiranizado que arrasta na miséria e uma elite de tarados que chafurda na lama das piores ambições!

Não há pão decente, nem escolas, nem protecção à mulher e à infância, nem indústria, nem agricultura, nem higiene, nem casas para morar nem hospitais. Há prisões, muita polícia, muita guarda republicana, muito pulha e muito ladrão

Neste período aureo de festas da Raça, neste momento em que pregadores oradores exaltam em frases de almanaque, acompanhadas de gestos copiados do elocutório *Manual do bom orador*, as virtudes admiráveis da Raça, na ocasião em que poetas líricos cantam os feitos grandes que tiveram os portugueses de outros tempos, as elites dirigentes da nação, o núcleo inteligente que preside aos destinos do país, oferece aos olhos da grande massa popular, do povo trabalhador que serenamente espera a sua hora, o mais degradante, o mais nojento, o mais piceiro dos espectáculos.

As pujantes virtudes da Raça! Como eles enchem a boca com estas léguas!

O que é a Raça? Para eles, para esses mentores desmiolados, para esses governantes que já não nos indignam, porque demasiado ridículos, nos provocam risos nervosos de revolta, para esses pobres de espírito inchados de vaidade, a Raça—são eles.

Eles, os dos grandes negócios imorais, são a Raça! Eles, os que governam de acordo com os mesquinhos exploradores da Raça, são a Raça! Eles que negociam na Bolsa os destinos da Raça, são a Raça! Eles, os que envenenam o pão que depauperam a Raça, são a Raça.

Então o que é a Raça? É um nome pomposo que serve para designar um bando de ladrões e um grupo de tarados.

A Raça está caído de pobre. O ouro das conquistas corrompeu-a, o caldo dos conventos aviltou-a. As riquezas do Brasil que as caravelas abarrotadas descarregaram no Tojo, trouxeram os grandes hábitos de ociosidade, que os levaram à epilepsia, por excesso de be-

bedeiras e ao manicómio, arrastados pela sífilis que os endoideceu. Mas desses doidos, desses doentes, desses tarados ficou um resto que para aí dá espectáculo, arvorando-se em dirigente da sociedade, esbanjando, espelhando o bom-senso, fomentando o mal-estar.

Por outro lado o predomínio jesuítico abastardou de tal maneira uma parte do povo, que produziu uma excreção de cobardes, que atravessa a estrada da libertação por onde os mais puros, os mais fortes e os mais revoltados, numa ansia de liberdade, pretendem passar.

A nobre raça portuguesa! Cantem-lhe hinos—feitos por estrangeiros, porque a raça já não tem sentimento que vibre, nem inteligência capaz de compor uma canção de geito.

A Raça está dando boas provas das suas virtudes. A Raça é o sr. Sá Cardoso que se acobarda, ante as fúrias do sr. comissário da polícia—outra degenerescência da Raça, cujos feitos heróicos (o massacre, segundo ele conta envidado, de negros indefesos, mulheres e crianças!) a História há de registar a letras de sangue.

A Raça, é um ministro da guerra, brioso militar aparentado com a fábrica Vulcano, que mobiliza três mil homens para cercar duas dezenas.

O espírito alavancado da Raça, revela-se através dos «feitos grandes» do ministro do comércio, bemquisto em companhias industriais e bem cotado entre as empresas alemãs, que estão comprando à sacupa os navios dos T. M. E. que a Raça não soube pôr a navegar com decência!

«Cesse tudo quanto a musa antiga canta», porque o

maior acto de bravura da Raça, praticado nos últimos tempos, avulta o povo hinos, e reclama alexandrinos de poeta genial: O Feito dos Olivais.

O Feito dos Olivais, que os poderes públicos elogiam, solidarizando-se com ele, que a grande imprensa exalta, que os virtuosos aplaudiram, define bem o estado de desmoralização a que chegou a Raça que se deliu num mar de... lama.

Portugal é uma casa onde os moradores não se entendem. As ambições de uns e a tacahez intelectual de outros, produzem uma desordem indescrevível. Começaram a predominar os Afonsos, com os seus superavits, e os Nunos Simões com os seus negócios, e o povo não pode, dessa data em diante, dormir tranquilo.

O pão, base de alimento, está sendo merceado por um potentado, que até já conseguiu que cada quilo passasse a ter apenas 960 gramas.

A escola, que serviu de tema primacial aos oradores da «propaganda», cai aos pedaços por essa província fóra.

A educação da mulher está mais atrasada do que na Hotentócia.

A protecção à mulher e à infância passa por fantasia enriosa de escritores estrangeiros, e olhada com o interesse que merecem as novelas de Júlio Verne.

O fomento agrícola, com as já célebres irrigações do Alentejo, cifra-se na desumana exploração exercida sobre o camponês, que arrasta, pelo país, uma miséria tocante.

O fomento industrial, constitui ária estafada por ministros para quem essa obra assume apenas um aspecto

interessante: protecção alfandegária às indústrias reles de que fazem parte ou que lhes pagam luvras para defender negociações no parlamento.

E de positivo o que há em Portugal? Banqueiros que jogam na Bolsa a nossa pele; indústrias, como a Moagem, que vivem e enriquecem à sombra do Estado e à custa do povo, e uma população trabalhadora que leva uma vida de cão, crivada de dívidas no padeiro e no merceiro, cheio de dorso de espadeiradas quando protesta, habitando as prisões ignóbeis, vergonhosas, sob a ameaça de ir parar à Costa de África, a fim de lá expiar os crimes tremendos dos representantes máximos da Raça.

Cantar as virtudes da Raça, neste momento em que a situação asfixiante e irrespirável da nação, já não encontra foro senão no recurso extremo da revolta, é uma ironia mordaz.

Se a podridão, a lama infecta merecem hinos, então, está certo—cante-se a Raça. Porque cantar a Raça, é exaltar as pulchres do Alfredo da Silva, é elogiar os escândalos das 400.000 libras, é aprovar a negociação da Marinha Grande, é solidarizar-se com o roubo do Larazeto, é colaborar na venda dos barcos portugueses, às companhias alemãs, é dar alegrementes o braço ao Lúcio de Azevedo da Casa da Moeda, é aplaudir a Moagem e o suposto empréstimo dos 50 milhões de dólares, é abraçar o Soto Maior, é condecorar os assassinos dos Olivais!

Raça imunda, Raça de bandleiros, Raça de traficantes, estás tam degenerada que só te poderás redimir pela sangria purificadora duma Grande Revolução!

UMA LUTA QUE TERMINA

As prisões cheias

Exige-se a libertação dos operários presos!

O ministro do Interior afirmou que não pensava em deportações

Nenhuma lei mantém no presidio da Trafaria os operários que foram brutalmente arrancados à liberdade—à liberdade que para eles sintetizava as suas ocupações, o seu convívio com suas famílias e os seus deveres e recreações habituais.

Nenhum protesto pode ser invocado para manter a sua prisão.

Neste momento não existem greves, de algum modo está perturbada a ordem pública, os seus perturbadores não são operários. Se correm boatos que anunciam para breve uma alteração de ordem pública, não são operários os seus propagadores, nem os seguidores, nem os seus conspiradores.

Pelo contrário. A classe operária tem mantido diante das violências e crimes provocações que a têm atingido com uma enorme serenidade.

Não uma serenidade feita de submissão, mas sim de actividade, de consciência da sua própria força e da ausência de força moral por parte de quem a ataca.

O governo tem deixado impunes os maiores crimes. E crimes que atingem todo o país, tem deixado em claro os maiores escândalos, tem feito o silêncio em torno de muitas falcatruas. E só mostra energia para perseguir operários, para perseguir inocentes, para perseguir vítimas. Os que governam, alguns dos quais como o sr. Alvaro de

Castro, são directores de bancos, gerentes de fábricas, como o sr. Américo Olavo, directores de Companhias, como o sr. Sá Cardoso e Nuno Simões, não sabem talvez as dificuldades com que luta um operário para se manter e manter suas famílias. Não sabem, porque recebem dois e três ordenados, e algumas gratificações. Têm criadas, «governam-se» magnificamente. E des-governam os outros. Porque a acção do governo, quer aumentando impostos, que afina a classe operária é a única a pagar, quer deixando impunemente subir o custo da vida, tornando impossível o viver da população, contribui para a miséria que lava em todo o país.

E não é justo perguntar-se, se a política do governo, favorecendo assaltos, barbações e prejudicando consumidores, protegendo moageiros e prendendo operários é uma política humana?

Não é. O resultado de tudo isso é que o país que trabalha, que é a maioria, vive divorçada desse abominável Terreiro do Paço, transformado numa outra câmara das forças vivas.

Os presos devem ser libertados! Exige-o o operariado, exige-o a justiça, exige-o até a própria constituição da república.

O caminho dos operários presos não é o da costa de África, como o pretende o governo, mas o da liberdade, como o exige toda a população que trabalha.

João da Silva, operário metalúrgico, foi preso há mais de quatro meses, encontrando-se ainda no Limoeiro, embora a acusação que sobre ele pesa fosse pulverizada no governo civil pela criação que mais interessada seria na sua condenação, caso se provasse o delito que serviu de pretexto ao seu encarceramento.

Quando das recentes prisões a polícia voltou a procurá-lo em sua casa, como o não encontrasse, levou para o governo civil um irmão que era o em-paro da mãe e dos outros irmãos, ainda menores.

É lá se encontra no governo civil João da Silva, contra quem a polícia não pode, sem praticar a mais vil das imposturas, formular a menor acusação.

Esta prisão—por equívoco ou por maldade—servirá, no entanto, para qualquer emergência voltarem a prendê-lo—e assim se arranja um cadastrol contra quem, amanhã, as gazetas que, em nome da... ordem, defendem o socorro dos quadrilheiros da Moagem, da Finança, da Lavoura, do Comércio, etc., pedirão as maiores e mais excepcionais medidas repressivas!

Sob o desumano regime da incommunicabilidade!

No calabouço 7 do governo civil encontram-se, sob rigorosa incommunicabilidade, os seguintes camaradas: José Marques Teixeira, manipulador

C. G. T.

Contra a ditadura

O comité confederal reunido ontem para se ocupar de assuntos de interesse para a organização operária, tomou conhecimento da actividade que os conservadores vêm desenvolvendo para estabelecerem a ditadura com o objectivo de anularem as poucas liberdades que atribuíramos já existentes.

Em face de tais intenções absolutamente reaccionárias, o comité exorta o proletariado de Portugal a pôr-se alerta, e não consentir por todas as formas, nesta hora em que por todo o mundo uma onda alterosa de liberdade se levanta, que em Portugal, país liberal por excelência, a reacção queira impedir fazendo recuar o país a um passado já banido como criminoso e despotico.

Em defesa da liberdade mais ameaçada ainda e pela emancipação do proletariado! Que seja ele o primeiro neste momento que pode ser trágico para o movimento operário e para a liberdade, a correr em sua defesa, em defesa própria!

O comité confederal.

de pão, preso há 23 dias, sem saber de que o acusam.

José de Brito Pereira, manipulador de pão, preso há 18 dias sob a acusação, já desfeita, de dar reuniões secretas em sua casa.

João dos Santos, manipulador de pão, preso há 8 dias, tendo-se já demonstrado a falsidade da acusação.

José Ferreira, da construção civil, preso há 11 dias, não tendo sido ainda interrogado.

João da Silva, a quem noutro lugar nos referimos, preso há 3 dias, ainda não foi interrogado.

José do Amaral, da construção civil, preso há 23 dias sem saber do que é acusado.

José de Almeida Figueiredo, preso em Santarém por ser tomado pelo Gavrroche.

Raul Gomes, preso há dois dias, sem ser interrogado também.

Vê-se bem a situação irregular em que estes presos se encontram, contra todos os preceitos do Direito e dos princípios de Humanidade em que uma sociedade com foros de civilizada deve assentar.

Não há acusações provadas nem, sequer, concretas e alguns presos não sabem por que foram privados da liberdade, pois não foram ainda interrogados, mas as autoridades não os deixam pôr-se em contacto com o exterior, submetem-nos a uma demorada incommunicabilidade!

José do Amaral veio transferido do presidio da Trafaria onde podia receber visitas. No governo civil não lhe consentem essa regalia!

Protestos

Os operários do município, reunidos em assembleia magna, votaram uma moção de protesto contra as perseguições das autoridades a operários e a pretendida deportação dos mesmos, resolvendo apoiar qualquer movimento que a C. G. T. e a U. S. O. devam à prática de foices, por esperarmos que

O IV Congresso dos Operários da Construção Civil

Nestas grandes reuniões a que todos os operários do país acorrem, deve presidir o princípio de aproveitamento do tempo e das ideias

Os operários da construção civil ao realizarem o seu IV Congresso, dão-nos a certeza de que a sua organização continua mantendo a vitalidade que a Organização Sindicalista é mister para conseguir os seus objectivos: a posse das ferramentas, das fábricas e das terras, e a substituição dos exploradores dos proletários, pelos próprios proletários, na gestão do trabalho e na distribuição dos produtos.

Nem sempre o alto objectivo dos congressos é acompanhado pelos operários, e neste caso pela organização. Uma vez motivado pela desvio de atenções que a luta diária pela conquista de regalias imediatas impõe, outras pela razão de nem sempre existir na organização os elementos de persistência, capazes para corresponder às ex-gências do trabalho desta envergadura.

Contudo, duma maneira ou doutra, a razão de ser dos congressos não diminui. Antes cada dia que passa, e em que a situação do proletariado à face das lutas de partidos, mais se define e esclarece, se acentua a necessidade de estudar as suas questões, os assuntos que dizem respeito à sua emancipação, por intermédio da respectiva organização.

Como estes interesses são na maioria dos casos de carácter geral, eis porque os congressos são competentes para alcançar a inteligência, conveniente, à sua amplitude.

Tudo quanto não sirva para auxiliar esta necessidade, só vem a redundar em desvantagem para a boa marcha das reivindicações de carácter imediato e mediato, sem o que a existência da organização operária e o seu movimento não constituiria necessidade.

Tudo nos indica que este congresso é dum alto valor, tanto pelo número de representações, como pelos trabalhos a tratar. Resta que esta importância seja reforçada pelo bom aproveitamento do tempo e das ideias, dando assim a devida satisfação ao sacrifício que a sua realização impõe, e aos princípios que o Sindicalismo enuncia, e que o operariado da Construção Civil, organizado, tem sabido interpretar e defender.

Permitimo-nos falar assim, porque, tendo assistido ao Congresso Metalúrgico, constatamos com magoa, que o tempo não foi cuidadosamente aproveitado, na discussão das ideias expostas nas teses, conforme se impunha, pelas necessidades que esses trabalhos sintetizavam.

Não queremos daqui, e neste momento, lançar culpas, sem contudo deixarmos de acentuar que grande parte das causas que geraram as inintelligências havidas, podiam, em nosso entender, ter sido resolvidas antes do Congresso, de qualquer maneira, antes ou depois, sempre fora dele. Pois assim, os trabalhos que deveriam ser devidamente tratados, não o foram, e a Federação le-

voslos há a outro Congresso.

É esta pequena referência vem agora a talhe de foice, por esperarmos que

OPERARIOS CORTICEIROS

Resolveram aceitar a oferta de 20 Op e retomar o trabalho imediatamente

A luta mantida pelos operários corticeiros de todo o país para a conquista de melhoria de salário, é bem um movimento que deve ficar marcado nas páginas da história das reivindicações operárias, pela coesão e pelo grande espírito de sacrifício demonstrado por milhares de criaturas que se lançaram em greve.

Quando os corticeiros vieram para a greve foi porque os industriais lhes ofereciam 10% sobre os salários e queriam que os operários trabalhassem mais horas, o que representava até certo ponto o desejo de terminar com o horário de trabalho que foi conquistado à custa de muitos sacrifícios.

Reoveram os industriais, em face da atitude enérgica dos operários corticeiros que viam na proposta a vontade de lhes cercarem uma das suas mais caras regalias, pôr de parte as horas de trabalho ficando o horário nas condições anteriores à eclosão do movimento. E assim viram os operários corticeiros coroados de êxito os seus esforços.

No entanto a luta teve de prosseguir em virtude de os industriais continuarem oferecendo os 10%. A solidariedade dos corticeiros durante estes longos 37 dias de greve tem sido bem manifestada, apesar de lutarem com grandes necessidades. Outras classes que têm os seus interesses ligados à indústria corticeira, também vem sofrendo muitos sacrifícios porque tem operários em luta.

Os industriais reintraram novamente na quarta-feira e deliberaram oferecer 20% sobre os salários, e a Federação Corticeira, como se vê do extracto que abaixo publicamos, resolveu dar por terminado o conflito, aceitando aquela oferta.

Foi uma luta verdadeiramente heroica que pôz à prova mais uma vez o espírito revolucionário duma classe que tem sabido sempre impor a sua razão de existência e manter acima de tudo o bom nome e a vitalidade da organização operária portuguesa.

Lutas destas enobrecem as classes que nelas tomam parte e todo o movimento operário.

A reunião da Federação Corticeira

O conselho federal da Federação Corticeira, reuniu ontem para apreciar a resposta enviada pelos Industriais, e que é do teor seguinte:

«Lisboa, 4 de Junho de 1924.—Ex.º Conselho Federal da Federação Corticeira Nacional—Caramujo.

Em nosso poder o vosso officio de 31 de Maio p. p. que passamos a responder.

Os industriais, mais uma vez reunidos, para apreciar o vosso officio e animados do maior espírito de conciliação e transigência, desejando que estas palavras caiam bem no animo dessa Federação, resolveram dar ao pessoal operário, em vez de 10%, de aumento, já oferecidos, 20%—vinte por cento—desde que retomem imediatamente o trabalho.

Belém

Reuniram ontem os operários corticeiros desta área na sua totalidade para

Por esse mundo

OPERÁRIO ARGENTINO

LUTA COM ARDOR CONTRA UMA LEI DE SUPPOSTA PROTEÇÃO

Buenos Aires, 5 de Maio. — Os operários argentinos devem estar satisfeitos com o governo argentino adotando o princípio do ano corrente, a lei pela qual todo o proletariado deve beneficiar da reforma de 30 dias de trabalho, durante 30 anos consecutivos. Essa lei foi repulsa pelos operários, e o governo obrigado a retirar o projeto da sua aplicação por dois dias, sob o pretexto, segundo disse, então, de introduzir algumas emendas nos seus artigos.

A realidade, o governo foi derrotado pela resistência constante do proletariado de Buenos Aires, a qual se opõe a F. O. R. A., e ao princípio. Essa lei porque os operários a acham deficiente e pouco, mas por ser posta em vigor, há, que, a pretexto de beneficiá-los, a sugere a uma nova coleção de leis. As associações aderentes à F. O. R. A., guiadas pelo espírito anarquista, aceitam qualquer lei que lhes seja imposta, mas não a lei que o governo da maioria não aceita sob a sua lei de guerra desprezando toda a governativa. Por isso a F. O. R. A. colocou desde o primeiro momento a investida do governo feita contra o proletariado.

O governo argentino disfarça este projeto sobre o trabalho com o beneplácito de uma sanção legal para o operário. E, francamente, o pseudo-benefício não acredita em tanto amor ao trabalho por parte do governo. E, de fato, concedida a ação do governo com os filhos do trabalho, para o qual se dá lugar para equívocos, e esta lei-rapina, como a classificam os operários da F. O. R. A., dissimula muito mais as intenções do governo argentino. Em primeiro lugar, os operários têm em conta que o Estado quer o patrão mais intruso de quem exploram o braço produtivo, os trabalhadores empregados nas várias dependências oficiais não cobram desde muito os seus salários e em algumas, e para que algo lhes pague, em algumas dependências, tiveram os operários de sofrer sangrentas greves. Como se de pois acreditar que um governo que abriga sentimentos de paternalismo para com os trabalhadores? Sobre este ponto não há, por parte do proletariado argentino, a menor hesitação; as provas estão à vista. De resto, a maioria dos legisladores, que sustentam esta lei, já fazia parte do partido, quando o anterior governo retirou e levou a cabo os massacres operários de Santa Cruz, bem conhecidos dos trabalhadores de todo o mundo.

Umbem não constitui mistério para ninguém no Rio da Prata que, com este projeto sobre o trabalho, trata o governo nacional de cobrir o fabuloso empréstimo de armamento contratado recentemente. E é este projeto anti-militarista, mais um motivo, portanto, para pedir o assalto que o governo quis infligir às algibeiras.

O governo argentino firma no seu intento de aplicar uma nova sanção aos produtores da riqueza social, terminado o prazo dos sessenta dias, que teve de abster-se, voltou a carga. Não quis atender as manifestações de repulsa que fizeram em todos os locais populacionais contra a sua reforma. Tampouco quis escutar os capitalistas, que lhe solicitavam emendas à referida lei. O presidente Alvear, elevado à supremacia por uma maioria de elementos menos cotados, obra neste caso de acordo com a baixa craveira do seu partido: não ouve senão a voz do seu espírito de aristocrata fadado a elevar pela crápula ao pedestal do despotismo. E, um jumento esfaqueado no meio duma linha férrea oferecendo o flanco ao avanço da locomotiva.

O proletariado argentino voltou a cantar-se unânime, para impedir a aplicação desta lei-rapina. E assim, se encontram neste momento em luta não os operários revolucionários da F. O. R. A., como também os reformistas da União Sindical Argentina — entidade

ções de incêndio... Basta basta de ruínas! basta de mortandades... O Hesus!... alegria do céu! exclamou Vitória, cujas feições pareceram repentinamente radiar de um esplendor divino, a nobre mulher está em pé! ela... vejo-a, mais bela e mais alta do que nunca... com a fronte cingida de uma coroa de folhas de carvalho... Numa das mãos tem um feixe de espigas, de parras e de flores...; na outra um estandarte com o galo gaulês...; pisa aos pés os restos do seu colar de captivo, a coroa dos reis francos e a dos pontífices de Roma... Sim, essa mulher, finalmente, livre, ativa, gloriosa e fecunda... é a Gália!... Hesus! Hesus!... piedade para ela... Que ela rompa o jugo dos reis e dos bispos de Roma!... que reassuma assim livre, gloriosa e fecunda, sem atravessar de século para século essas ondas de sangue que me espantam!...

Estas últimas palavras aniquilaram as forças de Vitória; ela cedeu todavia a um derradeiro entusiasmo de exaltação, levantou os olhos para o céu, cruzando os braços, soltou um longo gemido e caiu na sua cama fúnebre...

A mãe dos acampamentos, a GRANDE VITÓRIA, tinha deixado de existir!...

Eu, enquanto ela falava, fizera esforços sobrenaturais para conter o meu desespero! mas quando a vi expirar, a vertigem se apoderou de mim, os meus joelhos enfraqueceram, as minhas forças e a minha ideia me abandonaram, e perdi todo o sentimento na ocasião em que ouvi um grande tumulto no quarto próximo, tumulto dominado por estas palavras:

—Tétrik, o chefe da Gália morreu envenenado!...

Durante muitos dias, meu filho, a tua segunda mãe, Sampso, me viu agonizante. Perto de duas semanas tinham decorrido desde a morte de Vitória, quando pela primeira vez refúgio as minhas recordações, pôde conversar com Sampso sobre a nossa perda irreparável... As últimas palavras que me feriram os ouvidos quando, torturado pela dor, eu per-

greve, o comércio e a indústria nos principais centros industriais do país, fecharam as suas portas e realizaram reuniões assembleares.

A greve estende-se a todo o país, adquirindo um caráter violento, pela brutalidade da polícia, que provoca descaradamente os operários, encontrando-se presos mais de cinquenta anarquistas.

Director MAXIMO

negativa do presidente da república declinou o encargo de formar o governo. O sr. Millerand conferenciou imediatamente com o presidente da comissão de finanças do Senado e vários outros senadores sobre a situação política. Supõe-se que o sr. Millerand tratará de formar um governo com personalidades que lhe são afectas e cuja missão se limitaria a ler ao parlamento a mensagem de despedida do presidente.

A situação política complica-se. PARIS, 6. — A situação política continua sendo muito confusa. O sr. Millerand parece disposto a conservar-se no poder, até ao fim do seu mandato de 7 anos. Diz-se que o sr. Millerand encarregará o sr. Poincaré ou o sr. Maginot, actual ministro da guerra de formar o novo governo.

YUGOSLAVIA

Os revoltosos da Albânia, senhores da situação?

BELGRADO, 6. — Os insurrectos albaneses encontram-se completamente senhores da situação na Albânia, segundo as últimas comunicações recebidas de Tirana. O chefe dos insurrectos recebeu os delegados do governo em Scutari, tendo iniciado já as negociações para a reconstituição do gabinete.

O governo yugoslavo publicou uma nota oficial declarando considerar a revolução albanesa como uma questão interna daquele país o ministro dos Negócios Estrangeiros disse a um jornalista que o governo de Tirana ainda suficientemente forte para restabelecer a ordem na Albânia.

Os combates continuam principalmente nas cercanias de Ljesh, tendo sido recebidos reforços em ambos os campos. Batin Zar chefe dos proscritos albaneses enviou aos insurrectos uma força de 1.000 irregulares, como primeiro auxílio disponível. O governo albanês decretou a mobilização geral de todos os cidadãos, dos vinte aos quarenta anos.

Lisboa na rua

Queda desastrosa

Na enfermaria n.º 2 do hospital de Arroios deu o homem chamado Arnaldo Ribeiro, de 42 anos, fogueiro, natural de Trancoso e residente no Alto de Santa Catarina, 15, loja, que na rua Direita de Chelas deu uma queda, fracturando o pé direito.

Menor queimado com gazolina

Depois de pensado no posto da Cruz Vermelha no Calvário, recolheu a enfermaria n.º 2, do hospital do Desterro, Manuel Ferreira, de 12 anos, residente na rua de D. Vasco, páteo Vila Varela, 36, que quando no palácio da Condessa de Bournay, na Junqueira, onde é servido, limpava um fato com gazolina chego-lhe involuntariamente fogo, resultando esta inflamação e a chama ir queimá-lo no rosto e mãos.

Todos bebem e todos gostam

do magnifico refrigerante Centazzi, fabricação de

A. CENTAZZI, L. DA

Diuretico e estomacal

Pedir em toda a parte

PERIGO DE MORTE

Se queires evita-lo fugi do envenenamento pelo chumbo (saturnismo) o que acontece com a aplicação da maior parte das tintas, e usa a inofensiva "Muralina", completamente inodora, sem perigo algum para a vossa saúde, sendo uma tinta em pó, a água, com 38 cores combináveis.

Descontos especiais só aos profissionais.

Rua das Pedras Negras, 24, 1.º — Lisboa — Telefone C. 5392.

Ver o Suplemento de A BATALHA

Recita em auxílio da Caixa de Reformas e Pensões da A. C. T. T.

No teatro São Luís a favor da Caixa de Reformas e Pensões da A. C. T. T. a peça "O Solar dos Barrigas" pela companhia Armínio de Vasconcelos, a companhia Lucília Simões-Erico Braga desempenhará pela última vez a engraçada revista "M'yonaise", onde além dos artistas do teatro São Carlos, toma obsequiosamente parte os artistas Chaby Pinheiro, Henrique de Albuquerque, Joaquim Costa, Fernando Pereira, Laura Costa, Maria Izabel e Aurélio Ribeiro. A gentil artista Julieta Soares pres-

ta a desempenhar o papel de Narciso no "Solar dos Barrigas". A orquestra será dirigida pelos maestros Freitas Branco e Luis Gomes.

Festas artísticas

Electua-se hoje, no Avenida, a festa artística da actriz Jesuína de Chaby, com a comédia de Moliere "O Médico à Força".

—A actriz Beatriz de Almeida, que no teatro Salto Foz obteve um grande sucesso, vai reaparecer numa festa única, que se realiza brevemente, desempenhando um papel por ela creado no Brasil, ao lado do actor Chaby Pinheiro.

Recitamos

Com uma enorme enchente realizou-se ontem, em São Carlos, a recita do actor Erico Braga, subindo a scena, em "première", a peça de Bernstein "Depois de mim...", traduzida por Horta e Costa e Montou Osório.

—Depois de mim... volta hoje a cena, em São Carlos, em 2.ª representação.

—No Eden continua a contar a revista "Fruto proibido", as representações pelas enchentes. É um espectáculo que atrai a atenção geral pelo seu aparato e graciosidade, e o único que contém crítica a acontecimentos de palpitante actualidade, desempenhando-o com todo o brilhantismo a esplêndida companhia Oleo de Carvalho, e a preços que são, na actualidade, os mais económicos.

—Effectua-se hoje no Apolo a terceira representação da engraçadíssima comédia de Gervásio Lobato "O Comissário de Polícia" em que são impagáveis de graça Maria Mito, Silvestre Alegria, António Gomes, Paz Rodrigues e Artur Rodrigues, conservando o público em permanente hilaridade.

—Palma Batas e Lucília Simões vão trabalhar conjuntamente, em São Carlos, e na mesma peça "O Leque", a qual se seguirá uma "reprie" do "Montmartre" voltando ao papel que primitivamente criou Erico Braga.

—De dia e de noite estão-se realizando no Teatro Maria Vitória, os ensaios da nova revista "Rês-vés", que além de outros quadros, possui um "Casa para alugar" e "Cartão do dia".

—O grande sucesso da magnífica opereta "A Bailadeira" está a actuar-se todos os dias no Coliseu dos Recreios pela sua linda música, pelo seu admirável desempenho, pelos seus deslumbrantes cenários e pelo seu vistoso guarda-roupa. "A Bailadeira" repete-se hoje.

—N' revista "Vida Nova", a estreia-se no S. Luis, entram a actriz Declinda de Macedo e o actor Carlos Leal.

CARTAZ

S. CARLOS — A's 21. — "Depois de mim..."

S. LUIS — Não há espectáculo.

APOLLO — A's 21. — "Comissário de polícia"

EDEN THEATRO — A's 21. — "Fruto proibido"

AVENIDA — A's 21. — "O Médico à força"

MARIA VITÓRIA — Não há espectáculo.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21. — "A Bailadeira"

GIL VICENTE — A's 21. — "Dois Sargentos"

OLIMPIA — A's 20.50. — "Animatógrafo"

SALAO POZ — A's 11.30. — "20.50. — Variadões"

CHIADO TERRASSE — A's 14.30. — "20.50. — Animatógrafo"

CONDÉS (Avenida) — Animatógrafo

CENTRAL (Avenida) — Animatógrafo

CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatógrafo

IDEAL (Largo) — Animatógrafo

ROSSIO (Arco Bandeira) — Animatógrafo

CHATEAU (Praça dos Restauradores) — Animatógrafo

AVENIDA PARQUE — (Antigo Parque Mayer) — Recreios e diversões. Concertos de jazz-band.

CINE-ESPERANCA — Animatógrafo

PROMOTORA (Largo do Calvário) — Animatógrafo

EDEN-CINEMA (Rua do Alívio) — Animatógrafo

TEATROS & CINEMAS

Teatro São Luís

A recita dos Trabalhadores de Imprensa — Uma bela partitura de Rui Coelho

Foi mais uma festa anual bem organizada a que promoveu a Associação de Classe dos Trabalhadores de Imprensa no Teatro São Luís.

Não nos sobeja o tempo, nem o espaço para nos podermos referir a todos os números do curioso e não artístico, tanto mais que as pessoas que nele tomaram parte têm os seus nomes feitos e os números que executaram são bem conhecidos na interpretação que esses executantes lhes têm dado.

A cantora Cécilia Ortiga, o barito no Luis Maciel e o pianista Varela Cid são bem nossos conhecidos e a sua arte também para que nos dispensem a reedição de frases apreciativas que a seu respeito possamos escrever.

Do Orfeão Académico de Coimbra, têm falado suficientemente as nossas ultimas crônicas em "A Batalha".

Restam-nos pois dizer alguma coisa dos dois primeiros actos do concerto, preenchidos com a "Canção Nacional" e a "Ópera Rosas de todo o ano", música de Rui Coelho, poema de Julio Dantas. A "Canção Nacional" visa a vulgarizar a música, pela indumentária, pela linguagem aspectos mais ou menos típicos das nossas províncias. Os nomes de Alves Coelho e Aveleiro de Sousa, puzeram-se decididamente a frente desta iniciativa de propaganda e convencimento o caminho que traçaram.

O acto que acabamos de ver representado é, como não podia deixar de ser, um pretexto ligeiro para pôr em movimento figuras actualizadas regionais com os seus costumes e os seus cantares.

O grupo de artistas que compõem a "Canção Nacional" estão a altura da tarefa e ouviram justamente palmas.

A ópera de Rui Coelho é uma página deliciosa como melodismo, como orquestração acompanhando a letra do acto de Julio Dantas com minino relevo descriptivo a que não falta acidentação lírica que se gradua em intensidade conforme o sentido das frases. Rui Coelho, diz-nos com prazer, vai dissipando a popularidade que por vezes lhe notamos na sua obra.

A segurança de processos técnicos, a maior justiça de correspondência musical como reprodução fiel e lógica de assuntos, tem desde já, nesta ópera, a prova de que Rui Coelho, que na sua inspiração nem sempre coordenada de sentimento expressivo. Rui Coelho ainda nos ha de dar razão, desvanecendo o no seu espírito de pessoa inteligente, qualquer má impressão que lhe tenha ficado da apreciação em que poderemos ter errado, mas em que só a nossa sinceridade interveio.

Quostamos muito das "Rosas de todo o ano". Ha nesse acto romântico e gracioso de entrecho, uma musiquinha duma leveza contextual lírico-descriptiva que recorda algumas passagens Massenet, e em outros Gabriel Fauré.

A melodição passa francamente, sem peias de convencionalismo técnico, antes acusando uma preciosa espontaneidade de forma e de colorido. Felicitações Rui Coelho pelo seu belo trabalho de filigrana musical.

Nogueira de BRITO

NOTA — Na critica que ontem saíu sobre o Orfeão Académico, diz-se que a voz de António Menano é um timbre enorme, quando deve ser de timbre suave. — N. B.

Recita em auxílio da Caixa de Reformas e Pensões da A. C. T. T.

No teatro São Luís a favor da Caixa de Reformas e Pensões da A. C. T. T. a peça "O Solar dos Barrigas" pela companhia Armínio de Vasconcelos, a companhia Lucília Simões-Erico Braga desempenhará pela última vez a engraçada revista "M'yonaise", onde além dos artistas do teatro São Carlos, toma obsequiosamente parte os artistas Chaby Pinheiro, Henrique de Albuquerque, Joaquim Costa, Fernando Pereira, Laura Costa, Maria Izabel e Aurélio Ribeiro. A gentil artista Julieta Soares pres-

ta a desempenhar o papel de Narciso no "Solar dos Barrigas". A orquestra será dirigida pelos maestros Freitas Branco e Luis Gomes.

Festas artísticas

Electua-se hoje, no Avenida, a festa artística da actriz Jesuína de Chaby, com a comédia de Moliere "O Médico à Força".

—A actriz Beatriz de Almeida, que no teatro Salto Foz obteve um grande sucesso, vai reaparecer numa festa única, que se realiza brevemente, desempenhando um papel por ela creado no Brasil, ao lado do actor Chaby Pinheiro.

Recitamos

Com uma enorme enchente realizou-se ontem, em São Carlos, a recita do actor Erico Braga, subindo a scena, em "première", a peça de Bernstein "Depois de mim...", traduzida por Horta e Costa e Montou Osório.

—Depois de mim... volta hoje a cena, em São Carlos, em 2.ª representação.

—No Eden continua a contar a revista "Fruto proibido", as representações pelas enchentes. É um espectáculo que atrai a atenção geral pelo seu aparato e graciosidade, e o único que contém crítica a acontecimentos de palpitante actualidade, desempenhando-o com todo o brilhantismo a esplêndida companhia Oleo de Carvalho, e a preços que são, na actualidade, os mais económicos.

—Effectua-se hoje no Apolo a terceira representação da engraçadíssima comédia de Gervásio Lobato "O Comissário de Polícia" em que são impagáveis de graça Maria Mito, Silvestre Alegria, António Gomes, Paz Rodrigues e Artur Rodrigues, conservando o público em permanente hilaridade.

—Palma Batas e Lucília Simões vão trabalhar conjuntamente, em São Carlos, e na mesma peça "O Leque", a qual se seguirá uma "reprie" do "Montmartre" voltando ao papel que primitivamente criou Erico Braga.

—De dia e de noite estão-se realizando no Teatro Maria Vitória, os ensaios da nova revista "Rês-vés", que além de outros quadros, possui um "Casa para alugar" e "Cartão do dia".

—O grande sucesso da magnífica opereta "A Bailadeira" está a actuar-se todos os dias no Coliseu dos Recreios pela sua linda música, pelo seu admirável desempenho, pelos seus deslumbrantes cenários e pelo seu vistoso guarda-roupa. "A Bailadeira" repete-se hoje.

—N' revista "Vida Nova", a estreia-se no S. Luis, entram a actriz Declinda de Macedo e o actor Carlos Leal.

CARTAZ

S. CARLOS — A's 21. — "Depois de mim..."

S. LUIS — Não há espectáculo.

APOLLO — A's 21. — "Comissário de polícia"

EDEN THEATRO — A's 21. — "Fruto proibido"

AVENIDA — A's 21. — "O Médico à força"

MARIA VITÓRIA — Não há espectáculo.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21. — "A Bailadeira"

GIL VICENTE — A's 21. — "Dois Sargentos"

OLIMPIA — A's 20.50. — "Animatógrafo"

SALAO POZ — A's 11.30. — "20.50. — Variadões"

CHIADO TERRASSE — A's 14.30. — "20.50. — Animatógrafo"

CONDÉS (Avenida) — Animatógrafo

CENTRAL (Avenida) — Animatógrafo

CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatógrafo

IDEAL (Largo) — Animatógrafo

ROSSIO (Arco Bandeira) — Animatógrafo

CHATEAU (Praça dos Restauradores) — Animatógrafo

AVENIDA PARQUE — (Antigo Parque Mayer) — Recreios e diversões. Concertos de jazz-band.

CINE-ESPERANCA — Animatógrafo

PROMOTORA (Largo do Calvário) — Animatógrafo

EDEN-CINEMA (Rua do Alívio) — Animatógrafo

A BATALHA

NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Praia da Nazaré

A vila em perigo

Por iniciativa de um grupo de amigos da Nazaré, e com o título acima foi há dias aqui distribuída uma circular-reclamação, tendente a chamar a atenção de todas as individualidades de representação de esta vila para o grave caso de alguns industriais, pouco escrupulosos, pretenderem instalar, quasi dentro da localidade, uma fábrica de adubos animais, pretensão esta que a efectivar-se, dada a natureza intoxicadora e nauseante da matéria a fabricar, alterava profundamente a salubridade do ambiente, convertendo assim a Nazaré num campo constantemente varrido por putrefacções e pestilências emanadas, as quais constituiriam uma permanente ameaça à saúde da respectiva população.

Dá circular em questão resalta claramente a vontade indomável do referido grupo de não consentir na realização de tam criminoso intento, pelo que solicita a colaboração de médicos, de comerciantes, da Câmara Municipal, etc., etc. Preconiza ao mesmo tempo a constituição ou eleição imediata de uma Junta de Defesa da Nazaré, cujo "mot d'ordre" é tentar por todas as meios possíveis o aformoseamento da Nazaré, tornando-se em breve um centro de turismo.

As considerações contidas na referida circular são absolutamente lógicas e razoáveis em face das quais não podemos deixar de manifestar o nosso aplauso.

Agora, porém, uma objecção nos surge:

Se é certo que se pretende criar uma Junta de defesa da Nazaré, consoante se infere da dita circular, aquela não limitará a sua acção a defesa das condições sanitárias, hygiene e aformoseamento da vila, porém também, e paralelamente ao aformoseamento material, a morigeração dos costumes, o aformoseamento moral e social do povo, para que de futuro não tenhamos de confrangidos e desolados, ver os garotos entregarem-se em plena via pública por causa do jogo de cartas, e bem assim combater, enérgica e intransigente, o analfabetismo, a taberna, o jogo, e tudo o mais que directa ou indirectamente possa contribuir para a demoralização e embrutecimento do povo. — C.

CININA

TINTA DE ÁGUA

FABRICO DA COMPANHIA INDUSTRIAL DO NORTE

Agente de venda:

Dias & Pinto Lopes, L. da

75, R. Passos Manuel — Porto

A venda em Lisboa:

João Nunes dos Santos

R. do Mundo, 106

Casa Rubi

Instalações eléctricas

120, RUA DOS RETOZEIROS, 122

Telefone C. 3851

LIMAS

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

As melhores

